

Teresa Peralta

# MONTEMURO

*Um despertar de marmallo*



**Dallmege**  
Livraria

BOOK

Maria Teresa Dias Peralta Mendes

*Montemuro:  
um despertar de antanho*

**Palimage Editores**

*A. Imagem e A. Palavra*

VISETI 2006

## POIS QUE ATÉ UMA SERRA TEM ALMA!...

Difícil se torna, a princípio, saber por onde começar quando se encara a hipótese de, no âmbito de uma perspectiva de salvaguarda do património e sua divulgação, estudar toda uma serra, por mais carisma que ela tenha, por mais imponente que ela se nos apresente ao olhar.

Que fazer de Montemuro?

Mostrar a beleza da paisagem, mesmo que «inolvidável»? – E não será mais bonito o Gerês com as suas nascentes e a Geira; a Serra da Estrela com os penedos que a crosão tornou antropomórficos e a neve seduz visitantes; e Sintra, «património mundial», com seu parque secular?...

Descrever miudamente as espécies vegetais – qual «sinfonia de cores» –, as endógenas (giesta, a grande «senhora» da serra!...) e as exógenas; descobrir-lhes as belezas em tarde primaveril ou contar das suas faculdades como mesinhas de mui longa tradição para chás e benzeduras?

Optar, ao invés, pela geologia: ele é o xisto, o calcário, o granito soberbo, as camadas que um corte no solo permite vislumbrar num segredo? E «um rio, dois rios... tanta água»...

Olhar para os campos cultivados, um aqui, outro acolá... Se calhar, até já nada se cultiva, mas cultivava-se e o mato agora cresce mas não ousa tudo ocultar?

E não há casas? Não houve gente a viver ali? Não há gente ali? E que faz? A que se dedica longe do bulício citadino, na comunhão com os «bichos», os pássaros, os répteis, os «caminhantes infatigáveis» e os outros, a sua própria criação?... Casas? E como são? Certamente adaptadas ao ambiente – que se querem frescas no pino do Verão e aconchegadas na gelidez dos Natais...

E... património? Afinal, não era de património que nos propuséramos tratar? E as perguntas atrás exaradas que é que têm a ver com isso, com essa

herança a preservar, hoje tão na moda? Que património seriam antas, *villae* romanas, inscrições rupestres, sepulturas cavadas na rocha, uma gruta que fora eremitério de constantes preces ao Senhor...

Aliás, nesse sentido começou por caminhar Teresa Peralta e veio com miúdo inventário de sítios arqueológicos, por exemplo. Num deles, havia-se encontrado um vaso com a forma *Isings* já não recordo o número... E eu perguntei o que era *Isings* e o que é que isso poderia dizer-nos em termos de património. Foi o baque. Vinha tudo tão certinho, inventário por lugares, cruzeiros, excertos de relatórios de escavações arqueológicas... E eu indaguei das pessoas. Sim, se não havia pessoas na serra. Se não usavam trajes típicos, se não se dedicavam a tarefas específicas, se a serra... tinha morrido. E casas e palheiros e eiras e moinhos e pisões e canastos... tudo! Aldeias não nas havia?...

Montemuro não morrerá, não! – garantiu-me.

E, após esse primeiro embate, a que mais dois ou três se seguiram, sempre muito agarrada aos livros que atentamente sorvera, Teresa Peralta tinha um quadro completíssimo de Montemuro, desde as explicações etimológicas do topónimo a tudo o que livros antigos e novos sobre a serra traziam escrito. Mas... faltava-me a Teresa no meio de tanta informação!... E desafiei-a a sentar-se. A passear pela serra. A ver tudo com os seus próprios olhos. A tomar notas. A falar com as vivalmas com que adregasse encontrar-se, nesses tempos com outros relógios que não os das cidades buliçosas cheias de minutos com sessenta segundos dentro... A sentir os cheiros, os chilreios, os brados vindos dos longes, a abelha que sugava o néctar. Aquele alvoroçar poeirento ao fundo do horizonte, com guizalhada de permeio, «*soidades* do último moiral»... Lá está ele, de chapéu de palha, farto bigode em ferradura, olhar perdido no além...

E Teresa Peralta soltou-se. Foi ela própria. Serviu-se dos livros, mas deles apenas livremente colheu os dados mais concretos de que necessitava. E partiu à descoberta. Deliciando-se com o que ia descobrindo.

Seria, agora, o momento em que, como bom prefaciador, eu resumiria ao leitor aquilo que iria ler e dizer-lhe que valia a pena, que não fechasse o livro já, porque haveria surpresas a cada dobrar de página, como quem dobra a esquina de uma aldeia vetusta e tradicional. Perdoe-me o leitor se o não faço; se, inclusive, quase resisto a folhear de novo as páginas que, uma a uma, vi nascer, e a saborear o encanto que das fotografias se desprende... Se lhe digo apenas que, afinal, vai descobrir artesanato do lídimo – na olaria, sim, mas também

na tecelagem, nos cestos, na latoaria, na produção artesanal de queijo, de enchidos, de bolos...

E uma coisa lhe garanto: alfim, vai dar-nos razão! A serra pode morrer, de facto, se a miopia legislativa de uma nação macrocéfala continuar a proibir a transumância com hipotético medo de transmissão de doenças... «Quem semeia ventos colhe tempestades!», pois então! A transumância – vinda de tempos imemoriais, já os Romanos a praticavam – é que pode dar vida à serra. Trazer-lhe aquela alegria infinda do reencontro, do tempo que volteia e regressa e volta a partir. A transumância das tradições, das lareiras aconchegadas, das histórias de lobisomens e nevões danados, aqui d’el-rei que nos vamos todos perder!... Vidas! Peregrinares! Veredas e trilhos que nunca se perdem por mais que o mato cresça!... «Um despertar de antanho» pejado de uma beleza singular!

E vamos, assim, descobrir que são inúmeras as variedades de orquídeas – olá, satirião bastardo!... Quem o suspeitaria?

*«O Montemuro vai dormir.*

*Uma álgida brisa desperta-nos deste enlevo e recorda-nos que é tempo de voltarmos à nossa floresta de cimento e de enxames barulhentos.*

*Daqui a dias é fim-de-semana outra vez».*

É assim que Teresa Peralta termina a sua viagem. Assim como quem, ao sol-pôr, sentado em rochedo à beira-mar, vê o Sol mergulhar rosado e sonha com a alvorada do dia que inevitavelmente terá de nascer a seguir.

Este livro, assim, nesta prosa de um sabor inesquecível, com um cheirinho bom a pão quente, é, no fundo, uma certeza maior, a garantia por que lutamos: o Montemuro vai dormir, sim, porque teve dia de labuta forte, mas, amanhã, acordará com novo alento. Há-de ressuscitar!

Cascais, 18 de Novembro de 2006

*José d'Encarnação*